

A PÁTRIA QUE DESMORONA

O Limbo dos Deslocados no Líbano

EDITORIAL KIN INSTITUTE



O caminho para parte incerta. Famílias inteiras abandonam o sul do Líbano.

Quando a poeira de um bombardeio assenta, o que resta não é a paz, mas o silêncio atordoante do deslocamento. No Líbano, um país já fraturado por crises económicas, corrupção endémica e paralisia política, a escalada do conflito no início de 2026 forçou mais de 1,2 milhão de pessoas a abandonar

as suas casas em questão de semanas. Esse número não é apenas uma estatística; é a anatomia de um colapso humanitário. Representa quase um quinto da população do país a correr sem direção, com pouco mais do que as roupas do corpo, em direção a um futuro que não existe.



A narrativa oficial, frequentemente higienizada por comunicados diplomáticos, fala em "evacuações" e "abrigos coletivos". A realidade no terreno, contudo, cheira a desespero e abandono. As pessoas não estão apenas a fugir do sul do Líbano ou dos subúrbios ao sul de Beirute; elas estão a fugir da própria ideia de estabilidade. E enquanto os mísseis reescrevem a geografia da nação, os trabalhadores humanitários lutam para segurar as pontas de um tecido social que se rasga diante dos seus olhos.

A GEOGRAFIA DO DESLOCAMENTO

Para onde vão os deslocados quando não há lugar seguro? A resposta imediata é: para qualquer lugar que abra as portas, ou para onde as portas já foram arrombadas. Escolas públicas, edifícios inacabados, igrejas, mesquitas e praças em Beirute e no Monte Líbano tornaram-se acampamentos improvisados.



Salas de aula no Líbano transformadas em abrigos de emergência, sem condições sanitárias.

As Nações Unidas e os seus parceiros relataram que centenas de milhares de pessoas se amontoaram em mais de 660 abrigos coletivos [1]. No entanto, esses abrigos não são santuários; são salas de espera para a próxima tragédia. Superlotados, sem aquecimento adequado durante o inverno, e com infraestrutura sanitária precária, eles oferecem um teto, mas pouca dignidade.

Ahmad, um trabalhador migrante sudanês-palestiniano que já havia sido forçado a fugir do Sudão para a Síria, e depois para o Líbano, encontrou-se novamente em fuga quando os bombardeios atingiram Dahiyeh. "Fugimos naquela mesma noite, sem saber para onde ir, apenas a correr do medo", relatou ele a uma equipa de Médicos Sem Fronteiras. "Ficamos três dias a dormir no chão, ao ar livre, sem nada para nos proteger" [2].

O FARDOS DOS TRABALHADORES HUMANITÁRIOS

Enquanto o mundo observa a crise de longe, há aqueles que estão mergulhados nela. Os trabalhadores humanitários no Líbano não são apenas observadores; muitos deles também são deslocados, enfrentando as mesmas perdas e os mesmos medos que as pessoas que tentam ajudar.

"UM MILHÃO DE
PESSOAS
DESLOCADAS EM
APENAS DUAS
SEMANAS É UM
PONTO DE VIRADA
HUMANITÁRIO."

A frustração de Magda Rossmann, Diretora Nacional do IRC, ecoa a de Imran Riza, Coordenador Humanitário da ONU no Líbano. "Nossas estimativas conjuntas indicam que cerca de 1,3 milhão de pessoas foram afetadas", disse Riza. O apelo da ONU por 308 milhões de dólares para cobrir as necessidades mais urgentes é uma fração do que é necessário para reconstruir vidas [1].

A dimensão mais cruel desta crise é a inversão dos fluxos migratórios. O Líbano, que serviu de refúgio para mais de um milhão de sírios, agora vê um êxodo na direção oposta. Que nível de terror é necessário para fazer com que uma família decida que a Síria é uma opção mais segura do que o Líbano?

A ILUSÃO DO ASILO

Para aqueles que não podem ir para a Síria, a esperança é o asilo em países ocidentais. No entanto, o sistema global de asilo tornou-se uma fortaleza inexpugnável. O processo formal exige que o solicitante esteja fisicamente presente no país onde pede proteção — navegando num sistema desenhado para pessoas com recursos, tempo e estabilidade, coisas que os deslocados não têm.



O que resta de bairros inteiros em Beirute: o retorno ao nada.

Em abril de 2026, milhares de famílias deslocadas iniciaram o caminho de volta para o sul do Líbano. O que encontraram não foram lares, mas cemitérios de betão. Bairros inteiros foram achatados. Voltar, nestes casos, não é o fim do deslocamento; é o início de uma nova fase de desolação.

A POSIÇÃO KIN

O que estamos a testemunhar no Líbano não é um desastre natural inevitável; é uma falha arquitetada da diplomacia internacional e do direito humanitário. O deslocamento de mais de um milhão de pessoas foi tratado como um efeito colateral aceitável de um conflito geopolítico mais amplo.

A assistência humanitária, embora vital, não é a solução. Ela é o curativo numa hemorragia arterial. A única solução real é a responsabilidade política e o fim da impunidade para aqueles que transformam cidades inteiras em campos de batalha e os seus habitantes em refugiados no seu próprio país.

Every Number Has a Face.

Não somos uma organização de resgate. Somos a informação que chega,
antes que o perigo avance.

kin.institute

REFERÊNCIAS

[1] ONU Líbano. UN Humanitarian Coordinator Speech at Launch of Lebanon's 2026 Lebanon Flash Appeal. Março de 2026. lebanon.un.org

[2] Médicos Sem Fronteiras (MSF). Lebanon: Testimonies from displaced migrant patients. Abril de 2026. msfsouthasia.org

[3] International Rescue Committee (IRC). One million people displaced across Lebanon in just two weeks. Março de 2026. rescue.org

[4] ACNUR. UNHCR's Salih Urges Civilian Protection and Sustained Support as Escalation in Lebanon Continues. Abril de 2026. unrefugees.org